

AS SIMBOLOGIAS DA CULTURA SERTANEJA REPRESENTADAS NO ROMANCE *A CASA*, DE NATÉRCIA CAMPOS

THE SYMBOLOGIES OF THE CULTURE FROM SERTÃO REPRESENTED IN THE NOVEL A CASA, BY NATÉRCIA CAMPOS

Allan Jonhnatha Sampaio de Paulaⁱ
Thalya Amancio do Nascimentoⁱⁱ

Resumo: Este artigo objetiva analisar algumas simbologias presentes no romance *A Casa*, de Natércia Campos, e que se conectam com crenças e cosmovisões presentes na cultura sertaneja cearense. Tal pesquisa se torna relevante na medida em que tratamos de uma autora parcamente estudada e que resguarda em sua obra grande arcabouço simbólico. Como metodologia, realizamos uma análise de personagem e temática, escrutinando passagens do romance e algumas das *personas* presentes na narrativa, convergindo com uma análise histórico-cultural. Os elementos simbólicos selecionados na obra são as horas e as luas, as trindades, a morte, as águas e os espelhos. Apoiamo-nos teoricamente em Cascudo (2011, 2009), Silva (2016) e Timbó (2011), dentre outras e outros. A partir da análise, concluímos que as simbologias possuem conexão com os sentimentos e cosmovisões das personagens, influenciando na condução do romance e como elas se percebem no mundo e com as demais pessoas. Esses símbolos ainda se desenvolvem na narrativa a partir de uma compreensão histórico-cultural que elucida um contínuo social de seus usos e seus meios. Assim, o romance de Natércia Campos se estabelece como uma obra ainda pouco conhecida, mas que evidencia, por suas particularidades, uma relevância ímpar e legítima de ser apresentada e aprofundada.

Palavras-chave: Cosmovisão; Simbologias; Cultura Sertaneja; Natércia Campos; *A Casa*.

Abstract: *This article aims to analyze some symbologies presented in the novel A Casa, written by Natércia Campos, which connects itself with beliefs and worldviews in the culture of Sertão, in Ceará, in the Northeast of Brazil. This research is relevant because we deal with a female writer sparsely studied, and there are great symbolic representations in her literary work. For the methodology, we carried out a character and thematic analysis, analyzing excerpts from the novel, and some of the characters in the narrative, converging within a cultural and historical analysis. The symbolic elements selected are the hours and the moons, the trinities, death, water, and the mirrors. We base ourselves theoretically on Cascudo (2011, 2009), Silva (2016), and Timbó (2011), among others. From the analysis, we conclude that the symbologies connect with the characters' feelings and worldviews. Considering their social usage, those symbols develop in the narrative from a historical and cultural comprehension. Thereby, the novel written by Natércia Campos settles down how a fiction work not widely spread known demonstrates by its insights and particularities a unique and legitimate importance that deserves to be deeply studied.*

Keywords: *Worldview; Symbologies; Culture from Sertão; Natércia Campos; A Casa.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Mestrando em História e Letras pela FECLESC/UECE com bolsa FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Integrante do grupo de estudos Filhas de Avalon, chancelado pela FECLESC/UECE. E-mail: allanjonhnatha@gmail.com.

ⁱⁱ Mestranda no Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (UECE), campus FECLESC. Professora de Redação, Linguagens e Inglês na rede pública estadual e particular do Ceará (SEDUC, CREDE 14). E-mail: thalya.amancio1997@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tratar sobre obra e escritora tão significativas para a Literatura Cearense e a Literatura Contemporânea Brasileira é uma tarefa árdua, à qual, contudo, nos comprometemos a realizar. Sabemos que corremos o risco de cairmos em lugares comuns com essa afirmação, porém, conforme notarão, existem peculiaridades e muitos aspectos presentes na narrativa e na linguagem de Natércia Campos que, provavelmente, não conseguiremos abarcar totalmente, até em razão da concisão que devemos ter neste trabalho. Ainda assim, teceremos análises atenciosas e aprofundadas, a partir de métodos da crítica literária especializada e de outras áreas, sendo esta, por isso, uma pesquisa interdisciplinar por intercambiar conhecimentos e metodologias.

Tal como a personagem Horácio da peça teatral *Hamlet* (escrita no século XVI por William Shakespeare) afirma e aqui adaptamos, há muitos mistérios nesta terra que nem sonhamos ou imaginamos, especialmente dentro da bibliografia da beletrista cearense que aqui analisamos. Há muitos mistérios e elementos simbólicos na escrita ficcional dela, filha de Moreira Campos, outro autor e contista igualmente fascinante, como demonstraremos.

Há uma mística, uma religiosidade e temáticas próprias das pessoas sertanejas e interioranas, símbolos de um realismo fantástico incorporados em *A Casa* (1999), bem como em outras de suas obras: *Iluminuras* (1988), *Por Terras de Camões e Cervantes* (1998), *A Noite das Fogueiras* (1998), *Caminho das Águas* (2001) e outros tantos contos publicados em coletâneas, revistas e jornais. Essas temáticas constroem narrativas com imagens marcantes e recorrentes, sobretudo no seu único romance, senão vejamos: as águas, os espelhos, o número três, as horas, a humanização de um espaço, um objeto inanimado que ganha vida e conta a história de uma mesma linhagem, por exemplo.

Ademais, a linguagem poética na prosa nos mostra um discurso próprio, construído com cuidado, atenção e sensibilidade, também revelador da pesquisadora e leitora tenaz, capaz de descrever e compreender as vivências do universo rural cearense, mesmo que não tenha vivido fisicamente nessas cercanias. Somada à criatividade que lhe era peculiar, ela conseguiu tal proeza também porque foi filha do contista já citado e uma estudiosa do folclorista e historiador Luis da Câmara Cascudo, responsável por “ensiná-la”, por meio de seus livros, muito das lendas, dos causos e das cosmovisões desse espaço.

No entanto, devemos destacar que ainda que tivesse conhecimento das histórias, sem a sua sensibilidade, proximidade e identificação emocional e experiencial com os sertanejos e com o ambiente geográfico em pauta, Natércia Campos não teria conseguido ser profunda nem

singular ao trazer uma história centrada em gerações de uma mesma família (a gênese, o princípio, até o seu findar, o apocalipse, o fim), relatada por uma narradora-personagem, a Casa, chamada de Trindades.

Diante disso, nossos objetivos são biografar a autora e apontar elementos simbólicos e os seus significados, apresentando um outro olhar crítico acerca de *A Casa*, uma vez que constatamos que as temáticas que pontuaremos neste artigo não são tão estudadas e aprofundadas academicamente como acreditamos que deveriam ser. Logo, nossa pesquisa tem validade por sua relevância em colaborar para com a fortuna crítica da escritora.

Com esse fim, estudos e investigações já desenvolvidos e produzidos foram fundamentais para nós, desde Candido *et al.* (2019) e o seu ensaio sobre a personagem de ficção e como ela é construída; Bruni (1993), sobre as simbologias das águas; e Silva (2016) e Timbó (2011), cujas pesquisas foram focadas especificamente na análise do romance. Também utilizaremos os textos que acompanham a republicação de 2011 dessa obra, principalmente os de Sâncio de Azevedo e Jorge Medauar. Além disso, os estudos de Luiz da Câmara Cascudo foram basilares: *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954) e *Luiz da Câmara Cascudo: depoimentos* (1947), dentre outros.

Almejamos mostrar a relevância de investigar e compreender os aspectos sentimentais presentes na narrativa selecionada, destacando o resgate de vozes e memórias perdidas no tempo ou apagadas, seja ficcionalmente ou dentro da realidade.

Natércia Campos (1938-2004) é um caso desse apagamento. Foi e é invisibilizada, ainda que seja reconhecida e comentada mais por especialistas do que por outras pessoas em geral –, afinal, é pouco visitada e revisitada ou divulgada. Sendo assim, é imprescindível resgatá-la, analisá-la e estudá-la sob diferentes pontos de vista, focos teóricos e críticos, ampliando os horizontes de pesquisa.

1 MARCO TEÓRICO

1.1 Natércia Campos: A escritora da “pancada do mar”

Filha de José Maria Moreira Campos, conhecido como Moreira Campos, e de D. Maria José Alcides Campos (Dona Zezé), foi contista, romancista, membra da Academia Cearense de Letras e da Academia Fortalezaense de Letras. Teve obras adaptadas para o teatro e a TV – como seu conto, “A Menina”, para a TV Cultura de São Paulo, com leitura dramática da atriz Beatriz Segall.

Mas, também deixemos a própria escritora expressar o que entendia de sua própria vida e carreira literária:

Tenho saudade de coisas que não vivi neste sertão belo e trágico do Ceará, pois fui menina nascida e criada na Praia de Iracema, da cidade de Fortaleza. Acalento dentro de mim este mundo não vivido, instigado por velhas histórias escutadas nas noites de vento e maresia. Muito depois, os livros, amigos queridos que me acompanham desde a infância, povoaram minha imaginação do mundo mítico que me antecedeu a envolver-me na saga dos que aqui já viviam e dos desbravadores vindos dos seus reinos de além-mar. As culturas populares com suas tradições, costumes, acalantos, assombros, fogueiras, taumaturgos, artesãos, folguedos, cantadores, danças de roda, encourados, superstições e preceitos marcaram-me a alma com seu “ferro e sinal”. Contava minha avó materna que, quando nasci, o sino da igreja de São Pedro tocou ao meio-dia de 30 de setembro de 1938. Sou a mais velha dos três filhos de Maria José Alcides Campos e José Maria Moreira Campos. Meu nome Natércia foi escolha de meu pai, contista, professor da Universidade Federal do Ceará e filho de um minhoto (Campos, 2004, p. 18).

Tal qual autobiografia acima, Natércia nasceu em Fortaleza, no Ceará, no bairro Praia de Iracema, em 30 de setembro de 1938, sendo mãe de seis filhos e tendo começado a escrever e publicar em termos literários tardiamente, quando já era avó, por meio de seu primeiro conto, “A Escada” (1984), em Barcelona. Inclusive, este foi ganhador do segundo Concurso Literário do Banco Sudameris, em 1987. A esse prêmio, outros seguiram, como o da 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira (1988) e o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura (1998). Deixou cinco livros publicados: *Iluminuras* (1988), *Por Terras de Camões e Cervantes* (1998), *A Noite das Fogueiras* (1998), *A Casa* (1999) e *Caminhos das Águas* (2001).

Embora fosse do litoral, o seu amor era estudar, pesquisar e entender sobre as experiências e as crenças do interior de seu estado. Por isso, Luis da Câmara Cascudo foi muito lido e mencionado como a grande inspiração de sua escrita. O estudioso aparece em sua produção, sobretudo em *A Casa*, onde podemos testemunhar o conhecimento da beletrista sobre algumas crenças próprias do lugar, as quais trabalharemos aqui.

Além da influência literária de Câmara Cascudo, outras foram Monteiro Lobato, os irmãos Grimm, Charles Perrault, as estórias da velha Bá, o próprio pai, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Gustavo Barros, João Guimarães Rosa, Jorge Medauar, Gabriel García Márquez e José Saramago. A partir delas, conseguimos notar de quais fontes as suas ideias se originaram e por quem foram influenciadas, ainda que ganhassem um outro tom.

Entretanto, é fundamental mencionarmos que, além da faina como autora, Natércia Campos é também lembrada pelos filhos que teve como uma contadora de histórias e talentosa para a costura e tapeçaria, o que explica o esmero com o qual trabalhava com a linguagem, chegando a lembrar Guimarães Rosa. Vejamos o relato de Carolina Campos, presente nas notas

da terceira edição da republicação d'*A Casa*, de 2011, em que ela explica as memórias que tem de sua mãe:

A Construção de uma artista: a primeira arte de minha mãe foi a de tapeceira. Sempre esteve cercada de arte. Lembro de seus tapetes enormes, dos tempos das casas grandes e ela, no centro deles, bordando. Lembro de seus textos, a maneira como escrevia, sem se acostumar ao computador, quando queria enxertar algo entre um texto e outro, cortava e colava com fita adesiva, e seus papéis, muito longos, com papiros pareciam, além da ciranda de cadeiras com livros em seu entorno (Campos, 2004, p. 132).

Cercada pela arte, pelos livros, pela leitura, pelas magas em quem acreditava e pelo trabalho laboral com essa expressão artística: assim foram a vida e a morte da “autora da pancada do mar” – como aqui a denominamos, uma vez que ela foi do litoral –, encantando-se¹ em 02 de junho de 2004, em consequência de um câncer.

Encantou-se, apesar da doença fatal, tranquilamente em sua casa, rodeada por tudo que tinha apreço e afeto: os seus filhos e os objetos caros ao seu coração, cercada pelas magas, tal como confirmou a sua filha, também escritora, Caterina, em matéria para o jornal *O Povo* de 03 de junho de 2004 (Campos *apud* Timbó, 2011). Todavia, sua memória e sua escrita permanecem imortais, cristalizadas em seus livros.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 *A Casa*: o romance e a sua narradora

Premiada e lançada ao público em 1999, *A Casa* é uma obra tomada de peculiaridades – muitas delas parecem revelar, para aquelas e aqueles que nunca pisaram em terras sertanejas no Ceará, ou mesmo relembrar e reverenciar as superstições e tradições do interior desse estado. Para a realização do romance, Natércia Campos fez uma vasta pesquisa nos escritos de Câmara Cascudo, além de recolher matérias, trechos de jornais, fotografias e desenhos. Para robustecer ainda mais a concepção da trama, incorreu em muitas anotações e chegou a fazer uma possível planta da casa do romance (Timbó, 2011). Narrado em primeira pessoa, o romance apresenta como narradora diegética uma casa, como já dito, nomeada de Trindades. A edificação acolhe diversas gerações de uma família, desde a primeira pedra posta no terreno até o “fim” da habitação.

¹ Utilizamos-nos de uma expressão que pertence ao campo semântico de nossos povos originários para fazer referência ao falecimento (Nota dos Autores).

Curioso pensar que a Casa possui um nome, o que para a cultura sertaneja não se torna exatamente estranho. Como afirma Socorro Acioli: “No Nordeste, as casas têm nome” (Timbó, 2011, p. 33). Alguns exemplos são ilustrados para percebermos a constância da tradição, como é o caso da Casa-Forte em *Memorial de Maria Moura* (1992), ou mesmo o Logradouro em *O Quinze* (1930), ambas obras de Rachel de Queiroz. Trindades assume, na narrativa do romance, uma tripla função: ela não apenas é a narradora como também é uma personagem que interfere e faz parte dos arcos narrativos das diversas pessoas que nela habitam, além de ser o principal campo de ações da história, ou seja, ela também é o espaço primordial do romance. Por observar e tomar decisões sobre o que observa, humanizando-se e não sabendo de tudo, sendo informada sobre o que ocorre no mundo através do vento e das águas, Trindades guarda segredos; tenta se comunicar; se assusta; sente medo, alegria e tristeza; é uma casa-testemunha que, aos poucos, torna-se um memorial edificado de vivências e conflitos.

Além de testemunha, também podemos notar, de acordo com Silva (2016), a caracterização da morada neste romance como uma narradora-protagonista, termo pego emprestado de Milton Friedman: “[...] esse tipo de narrador narra de um centro fixo, não tem acesso aos pensamentos das personagens, e limita-se a seus próprios sentimentos, pensamentos e ações” (Silva, 2016, p. 48). Essa conjuntura de sentimentos que tomam Trindades é concebida através de sua observação e julgamento perante personagens que habitam seus espaços. À medida que as gerações mudam, a Casa se identifica e se irrita com a presença das pessoas, sente condolência, comoção e deseja ajudar muitas das pessoas que sofrem no interior de seus cômodos. Em grande parte, esse sentimento de partilha e emergência de ajuda a toma quando ela nota o sofrimento e subalternização de algumas personagens – como Maria, que vive a experiência de uma gravidez psicológica, ou o Bisneto, que apresenta flutuações acerca de sua sexualidade.

Há uma proeminência das personagens femininas que têm suas trajetórias contadas em mais detalhes e relevância em detrimento das personagens masculinas, algumas delas violentas e de comportamentos duvidosos. Diante disso, o romance se afasta da obra *Cem anos de solidão* (1967), pois este livro de Márquez dá ênfase às personagens masculinas, tendo os nomes compostos passados de geração para geração de homens da família Buendía. Em contrapartida, a obra de Isabel Allende, *A Casa dos espíritos* (1982), parece se aproximar da proposta de Natércia Campos. O romance de Allende versa sobre as trajetórias de suas personagens femininas, suas oscilações, ânsias e sofrimentos. Tais comparativos se tornam cada vez mais interessantes uma vez que essas obras se passam em um ambiente atravessado por sucessivas gerações de uma família. Mas é na obra de Natércia Campos que distinguimos o ponto desviante da proposta

narrativa dos romances de Márquez e de Allende: as paredes da vivenda também criam vida e são tomadas de sentimentos pelas pessoas que entre elas habitam.

2.2 Simbologias, crenças e superstições n’*A Casa*: a medida entre o fantástico e o real

Os sentimentos, nesse romance, estão profundamente ligados às crenças e tradições das pessoas. Trindades nos explica a possível formação dessas cosmovisões, entendendo-as como produtos históricos do Brasil:

As superstições de além-mar logo aliaram-se às que aqui existiam. As velhas cacimbas indígenas cavadas a mando dos vedores retinham suas águas nas periódicas e longas secas e algumas dessas nascentes foram transportadas por encanto em noites escuras, por homens vindos de outras paragens mais áridas. Guardavam eles profundo silêncio para que estas águas não despertassem quando colhiam em uma cabaça só a lâmina, o espelho das águas. Faziam isso na Hora Grande, quando os rios por breve instante adormecem. A velha cacimba ia aos poucos secando, indo brotar despertada em outro chão (Campos, 2004, p. 31).

Apesar de usar o termo “superstição”, há também o prisma religioso, político, histórico, em suma, a cosmovisão, as formas de ver e viver no mundo que essas pessoas foram desenvolvendo e que Trindades também vive e contra quem reage, juntamente às personas que nela habitam. Por isso, as simbologias fazem parte da força motriz para o desenvolvimento da narrativa e para o desfecho das personagens. As sensações e os sentimentos por elas expressos se conectam ao que vivem e no que acreditam, diluindo, em muitos momentos, as fronteiras do insólito e da realidade.

Há em *A Casa* inúmeras representações de crenças e elementos imagéticos baseados nos estudos de Luis da Câmara Cascudo que a autora realizou, embora os tenha tornado singulares na sua produção. Utilizaremos algumas que aparecem enfaticamente e são relevantes para o caminhar dos acontecimentos mais importantes da narração: as horas e as luas, as trindades, a Moça Caetana, as águas e o espelho.

2.2.1 As horas abertas

Como uma edificação localizada em meio ao Sertão e que atravessa inúmeras gerações de uma mesma família em tempos imemoriais, já que a trama não indica de forma explícita em que momento histórico se passa o enredo, Trindades sempre parece ter como guia os próprios elementos da natureza. Os ventos lhe contam sobre um passado ainda mais remoto, as águas

lhes anunciam a fluidez da vida e da morte e as luas lhes dizem sobre o tempo. Com o passar das gerações, um relógio de fato é colocado dentro da casa. Antes disso, Trindades relata sobre as chamadas *Horas Abertas*:

As Horas Abertas são quatro: meio-dia, meia-noite, anoitecer e amanhecer. São as horas em que se morre, em que se piora, em que os feitiços agem fortemente, em que as pragas e as súplicas ganham expansões maiores. Horas sem defesa, liberdade para as forças malévolas, os entes ignorados pelo nosso entendimento e dedicados ao trabalho da destruição (Cascudo, 2009, p. 49).

As horas abertas têm profunda influência sobre a condução de ações das personagens. Trindades fora fundada em uma hora aberta. Como gesto alvissareiro, a edificação tinha de ser iniciada em um momento de tempos auspiciosos, em que as energias estivessem bem alinhadas, seja para o Bem ou para o Mal; neste caso, em uma hora aberta, o crepúsculo:

Foi em junho, na Hora Aberta e solene do toque das Ave-Marias, dos aboios, em que a nambu solta o pio dando certeza das seis horas da tarde, ao acender-se no céu a estrela da tarde, Vésper, a minha boa estrela, e na terra a fogueira do Precursor, o Senhor São João Batista, eu fui batizada pela chuva repentina e alvissareira. [...] Na mais serena das horas canônicas, chamaram-me de Trindades (Campos, 2004, p. 32-33).

As horas abertas possuem profunda ligação com as crenças advindas da cultura judaico-cristã. Acredita-se, por quem professa essa fé, que são momentos em que os anjos cantam no Céu e que espíritos podem vagar pela Terra; em que as pontes entre a vida e a morte mais caminham em paralelo numa linha tênue. O romance sobre adverte isso em passagens distintas de nascimento e morte. Por exemplo, quando nasceu, a personagem Custódio, pelo sofrimento que causou à sua mãe, foi amaldiçoado por ela, o que depois desencadearia sua má conduta com suas filhas e esposa. Portanto, há uma visão determinista dentro da tradição folclórica representada no romance e que também está presente na cultura popular: algo ocorrido em um ponto da vida de alguém pode determinar todo o seu destino. Além disso, são também nas horas abertas quando Trindades mais recebe a visita da Morte. A natureza recua temerosa e todos sentem a vulnerabilidade do mundo durante as horas abertas:

Nesta Sexta-Hora, lenta, em que as pedras deslocam-se, acontecem as contendas entre os ventos, os redemoinhos que, bruscos, arrebatam folhas e poeira [...]. Ouvem-se os tropéis dos animais encantados, vindos dos caminhos em cruz, em fúria cavalgada. Tudo invisível. Até as sombras furtadas pelo sol a pino. Hora das miragens. Não se deve olhar para trás. [...] Os cachorros acuam e se enroscam temerosos com o que veem, o gado procura proteção das manadas e os homens se resguardam em suas casas (Campos, 2004, p. 10).

E assim como as horas abertas demonstram a conexão do mundo com a natureza, as luas também são usadas como forma de demarcação temporal. As personagens, principalmente em seu início, recorrem a instrumentos pouco utilizados na contemporaneidade para mensurar o tempo, o que demonstra como as gerações que habitaram os cômodos de Trindades se manifestam em passagens de tempo de longa duração. Para sua fundação, Trindades é guiada por um lunário perpétuo, um calendário que tinha/tem por base as fases da lua. Sendo construída por uma família portuguesa (não por acaso também é de onde vem a linhagem da autora), os seus fundadores fizeram uso desse instrumento para escolher o melhor momento para a sua fundação, na hora-aberta entre o fim do dia e o início da noite, anunciando os bons ventos e as boas novas da habitação.

2.2.2 Trindades

A casa-testemunha-narradora desse romance também possui em seu nome umas das principais bases de significado das superstições da obra: Trindades. Advinda de uma compreensão tríplice do mundo, a morada nos explica a força e a influência do que é trino para a ocorrência dos fatos. Trindades traz uma referência a mais uma base dogmática da tradição judaico-cristã: Pai, Filho e Espírito Santo, trocado em papéis humanos pela figura do pai, da mãe e do filho – a base da família nuclear, a célula inicial da sociedade. Ademais, a própria Trindades estabelece o mistério em torno do número três ao afirmar: “E como sempre acontece depois de um desmando na natureza, seguiram-se mais dois, já que o número três traz em si um sentido obscuro” (Campos, 2004, p. 21). Contudo, não é na cultura judaico-cristã que se estabelece não apenas uma superstição, mas uma verdadeira base epistemológica de compreensão do mundo a partir do número três, podendo trazer algumas das explicações para o uso recorrente das trindades na narrativa de Natércia Campos.

A representação do três como um símbolo de influência está presente desde a Antiguidade. Para os celtas, por exemplo, um dos maiores emblemas da Grande Deusa que adoravam era o *triskelion*, *triskele* ou *triskle*, uma forma estelar de três pontas ou um contíguo de três espirais concêntricas, que representa a triplicação da Deusa da Fertilidade em meio à natureza, expressa também no curso de três estações aparentes durante o ano: primavera, verão e inverno (Quintino, 2002). A triplicidade ainda se estabelece pelas faces da Deusa (a Donzela, a Mãe e a Anciã), à luz da natureza tríplice dos seres humanos presente na cosmovisão dos celtas (corpo, mente e alma). Tais proposições foram reconfiguradas e renomeadas pela tradição judaico-cristã, que desenvolveu, através da Santíssima Trindade, um equivalente dogmático de

adoração em face às religiões xamânicas. Câmara Cascudo (2011, p. 697) também reafirma a presença do número três dentro da tradição popular sertaneja, transladada em formas mistas de percepção e conectadas a diversas culturas:

Número simbólico e misterioso, entre gregos e romanos, o três era considerado de poder oculto, inspirando enigmas, superstições, credices, provérbios e ditos populares. Três são as divisões do Universo: Céu, Terra, Inferno. Três são as fases da humanidade: Passado, Presente, Futuro. Três são os reinos da natureza: animal, vegetal, mineral. Trindade é a união de três pessoas num só Deus: Pai, Filho, Espírito Santo. Três são as Virtudes Teológicas: Fé, Esperança, Caridade.

As horas abertas já citadas também encontram ponto de encontro com o número, pois, ao serem consideradas como momentos de profunda energia e sagradas, são também chamadas de “hora das trindades”. Muitos dos acontecimentos da narrativa são atravessados pela presença do três, seja pelo número de pessoas ou pelo número de acontecimentos. As pragas sempre são jogadas a partir de três ditos e o relógio sempre anuncia as horas com três badaladas.

Quando foi iniciada a sua construção, a pedra da soleira da porta fora fixada por três pessoas em uma hora-aberta ou hora das trindades. Esse gesto simbólico abre margem para a construção a partir do epicentro de proteção para o presente e para o futuro:

Fui tocada pelo sopro da vida quando foi colocada a pedra de lioz da sagrada soleira que doravante protegeria meus domínios familiares. Meu dono descobriu-se solenemente antes de levantá-la, ajudado por dois mestres em cantaria. Os três em silêncio a fixaram na entrada, defensora e guardiã, daí em diante, dos malefícios (Campos, 2004, p. 9).

Além disso, em um determinado momento, Trindades ganhou um tom sagrado quando atravessou uma conjuntura de três pragas, como uma espécie de via sacra: um tremor, uma seca e uma “nuvem de morcegos”. Este último acontecimento representou seu esvaziamento e sua “primeira morte”, sendo logo desabitada. Tais pragas surgem na história como um mau presságio que anunciam um futuro de solidão e silenciamento perante o abandono e o “afogamento” que a Casa sofrerá, já que Trindades, ao final, seria desabitada para ser inundada, dando vazão, naquele espaço, a novas construções – neste caso, um açude.

Além de uma crítica ao processo tecno-modernizador, o romance também indica que Trindades não morre exatamente. Sua morte se estabelece de forma simbólica na medida em que não é mais habitada, sua “primeira morte”, e depois é afogada, sua morte definitiva, quando já não é mais avistada, apenas percebida sob as ondulações das águas no fundo de um açude, como se expressa ao final do romance.

Dessa forma, ao aproximar o número três de uma imagem santificada da via sacra percorrida por Jesus Cristo nos escritos bíblicos, o enredo entra em uma constância de reverência à habitação, palco dos principais acontecimentos narrados. Assim, Trindades não apenas observa o que ocorre com as pessoas que nela habitam, mas ela também conserva sentimentos próprios de suas vivências; há um “drama” só seu em que ela se desenvolve e ganha novas camadas não apenas como narradora, mas como personagem, contando sua trajetória, ao mesmo tempo que conta as trajetórias das demais pessoas. Em meio a uma miscelânea de grande angulação de acontecimentos, Trindades se estabelece no epicentro de todas as relações e resguarda em si – tal como se apreende pela noção temporal sem demarcações exatas –, o início, o meio e o fim de sua sina. O que nasceu, também morrerá com ela, encerrado em suas lembranças que apenas ela sabe, o que não contará nunca a ninguém.

Destarte, “A junção do espiritual com o real faz com que Trindades seja mantida como o pilar de sustentação entre os descendentes da família, junto às manifestações religiosas que representam o apoio e a união entre o humano e seu lugar de morada” (Silva, 2016, p. 60). Ao se compor de um véu místico sobre as trindades e sua crença e conhecimento do mundo em torno disso, a Casa também é guiada em sua cosmovisão por essas formas de pensar, que a conduzem e demarcam seu lugar no mundo junto aos seres humanos.

2.2.3 A Moça Caetana

Personagem recorrente nas obras de Natércia Campos, a Morte também é figura constante nos contos de seu pai, Moreira Campos. Por ambos, sempre é retratada pela letra inicial maiúscula, sendo chamada de Morte, Ela, Moça Caetana ou A Velha-do-Chapéu-Grande. Tornando-se uma personagem que sempre surge de repente, pronta para levar a vida de alguma personagem, a Morte é tratada com reverência no romance, em um misto de medo e respeito configurado não só pelo uso das maiúsculas iniciais como pela forma deferente de tratamento, por suas descrições. Trindades nos relata a primeira vez que ocorre sua aparição:

Lembro-me da primeira vez, e havia de ser nas Trindades, quando Ela aqui chegara em missão. Uma das portas abriu-se sem que ninguém a empurrasse e nem a frágil aragem a tocasse. Os ventos haviam me alertado que a Morte assim entra nas casas quando, silenciosas e inexplicáveis, as portas se abrem (Campos, 2004, p. 15).

A Morte possui profunda conectividade com os outros elementos até aqui apresentados: as trindades e as horas abertas. Em *A Casa*, a natureza e a fluidez da vida e da morte não

possuem um ponto moral de certo ou errado, de bondade ou maldade. Os elementos naturais formam um devir de acontecimentos conectados entre si. Não por acaso, a figura da Morte está ligada aos outros fenômenos. São nas horas abertas, das trindades, nas que todos estão mais vulneráveis, que a vida encontra mais proximidade com a morte, não porque são opostas, mas porque são interligadas. Isso se faz ainda mais presente mais adiante, quando abordarmos o tema das águas nessa trama.

Segundo Silva (2016), os sertanejos do romance travam uma luta de superstição contra a Morte. Isso ocorre pois, como já sinalizado pela forma como é tratada, a Morte é o elemento mais irreduzível da narrativa; quase nada sobrevive ou consegue atravessá-la ileso. A sua presença é sinal de que as mudanças irão ocorrer e nunca de forma plena e/ou pacífica. Quando relata sobre a resistência dos sertanejos contra a morte, Trindades nos fala:

Todos, vencidos pelo cansaço das longas recaídas e vigílias, relaxam e Ela regressa quase sempre no fim da noite ou no fim do dia, horas dos desequilíbrios da natureza, quando a Vida a Ela se rendem num derradeiro suspiro (Campos, 2004, p. 17).

Contudo, algumas coisas conseguem atravessar a Morte, e o que lhe atravessa é pensado enquanto sobrevivente da roda do tempo, da vida e da natureza, quase se sacralizando. É o que ocorre, por exemplo, com a personagem Tia Alma. Mulher de idade avançada e solteira, ela acolhera muitas pessoas da família na Trindades e cuidava de todos, sempre fiando e orando. Quando se encantou, ao cair de uma tarde do “santificado mês de novembro”, (Campos, 2004, p. 31), Tia Alma foi enterrada e, anos depois, com o seu corpo transladado, acabou tendo seu caixão aberto. Logo descobriram algo sobre suas tranças:

Anos foram passados e ao se fazer o traslado dos ossos de Tia Alma, no rápido instante em que foi aberto o caixão, ela estava tal qual fora enterrada. Um vento repentino desceu naquele momento e desfez em pó sua imagem e dela restaram suas duas tranças, longas, fartas e claras. Não mais as enterraram, pois alguém, ao esfregar as suas pontas entre os dedos, sentiu o crepitar sedoso daqueles fios palpantes de vida. Foram estas tranças as primeiras relíquias daquele sertão (Campos, 2004, p. 32).

Assim, os elementos que sobrevivem à Morte alcançam um espaço de transcendência, sendo sacralizados e enxergados como relíquias. As tranças de Tia Alma não mais foram enterradas, passaram a ser tratadas com reverência, assim como a própria Morte. Isso ocorre pela força e fé de Tia Alma em Deus, o que a põe, de acordo com Trindades, em um espaço de respeito e santificação – o que também remonta a muitas figuras sertanejas também sacralizadas. As pessoas estão conectadas à Morte, bem como os demais elementos da natureza

que possuem vida própria nessa história. As águas sempre anunciam os pontos de desequilíbrio do mundo quando relatam sobre Ela:

[...] sinal de tristeza e luto, vindo das águas do açude. Foi uma espécie de um gemido longo e triste que me acordou, na hora da fria cruviana. Dias depois aconteceu o infortúnio e até hoje o açude continua a dar o aviso de que acontecerão coisas adversas (Campos, 2004, p. 48).

Então, o açude e os ventos trazem relatos de tempos anteriores, boas e más notícias sobre o mundo e as pessoas que cercam Trindades. E assim como move os elementos da natureza, a Morte também se conecta às pessoas como um afago de último suspiro. Por mais doloroso que seja o finir-se, a Moça Caetana se apresenta nos últimos momentos de algumas personagens como a única a promover conforto, por mais irônico que esse propósito possa parecer. É o que ocorre com a personagem Maria. Em uma das passagens mais tenebrosas, a personagem percebe que estava passando por uma gravidez psicológica. Decepcionada e se cobrando pelo engano, Maria toma uma decisão extrema:

Uma noite, sem o acúmulo de saias notei que sua barriga diminuía. Acompanhei seu solitário e silencioso choro dentro daquele quarto, amordaçando os soluços no lençol [...] Em uma noite de luar, ela com extrema cautela saiu do quarto e retornou com o tamborete da cozinha. Surpreendi-me ao sentir que, ao voltar a bela Maria para o seu quarto, Ela viera na sua companhia. [...] O nó foi meticulosamente bem dado a quatro mãos. Perfeito (Campos, 2004, p. 54-55).

A Morte ajuda Maria em seu último ato. Trindades, apreensiva, acompanha os movimentos das duas, ao mesmo tempo que observa com admiração os movimentos de Maria e d'Ela, chegando a dizer que todo o processo seria “Perfeito”, como em um gesto de admiração para com a sincronia e a condução dos atos de ambas, em um diálogo silencioso e macabro.

Podemos, então, vislumbrar como a Morte se demonstra como uma acompanhante, às vezes bem-vinda e às vezes não, dos habitantes de Trindades. Ela se conecta com as emoções das pessoas, como no caso de Maria, em que seu ato de a ajudar a amarrar a corda que tiraria sua vida representa um sentimento de conformação com o próprio destino. Dessa forma, Ela se dispõe como parte do mundo, das pessoas e da natureza, de forma fluída, interconectada e emocional, personificando-se como uma companhia dos fins e condutora dos meios para estes fins.

2.2.4 As águas e os espelhos

As águas e os espelhos são mais símbolos e imagens constantes na narrativa, constituindo-se como figuras presentes na construção das crenças e nas vivências sertanejas, tornando-se aspectos que constroem a verossimilhança do espaço e do contexto sócio-histórico desenvolvidos na obra.

As primeiras aparecem como origem, fonte primordial da vida, do cuidado, da higiene dos humanos que habitam ou passam por aquelas terras – os moradores, ou os viajantes. Significam também o findar de uma vida, a passagem do tempo, a efemeridade da existência. Possuem significados duplos, conectando vida e morte. Além do que, a água está presente no nosso cotidiano, bem como estava e está na cultura das pessoas que moram no interior do Ceará, retratados em *A Casa*.

Trindades relata e relaciona a vida e a morte das personagens que passaram em si e nos seus arredores e constrói um relato a partir da escuta dos ventos e das vozes dos contadores que a visitaram. Uma dessas histórias aponta como a água, os açudes e os rios podem gerar a vida, auxiliar nas atividades diárias, mas também tirá-la. É um poder quase místico, simbólico, como se a água pudesse se comunicar, sendo também humanizada, tal qual a nossa narradora: “[...] ouço o gemido vindo das águas profundas do açude desde que nele se estrepeou um menino. É ouvi-lo para que alguma tristeza se desencadeie e quem o escuta, sabe que haverá luto (Campos, 2004, p. 55).

Devemos mencionar que há uma relação entre a vida da escritora e a presente obra: Natércia Campos perdeu um de seus filhos, José, em decorrência de um afogamento. Essa perda seria lembrada por ela saudosa e simbolicamente em sua *masterpiece*, pois enxergava nas águas um poder maléfico, mas restaurador e purificador também (Timbó, 2011). Aspecto presente nas crenças religiosas judaico-cristãs; as águas punem os pecadores e trazem um novo nascimento para aqueles que assim desejam e anseiam (Bruni, 1993).

Apesar desse sofrimento e desse temor, a casa se sente parte do ambiente e do lugar, sendo chamada a se integrar nesse mundo, o que ocorrerá ao final, quando será engolida, reiniciando-se em uma nova vida: “Certa noite, escutei este fragor e deu-me a sensação de que deste mundo marinho, latente, faço parte” (Campos, 2004, p. 125). A narradora-personagem chegará ao final submersa e refletida nas águas, quando for inundada para a construção de uma barragem próxima. Porém, esse fim, para a própria, não será negativo, mas um recomeço, um novo nascimento, assim como o batismo ou o próprio mergulho é tido pela cultura e perspectivas já citadas, bases de nossa sociedade: “Inundou-me, ao ouvi-lo, a mesma sensação

alvissareira quando fui tocada pela primeira chuva. Senti que renasceria submersa no mundo das águas” (Campos, 2004, p. 122). De acordo com Bruni (1993):

Se quisermos compreender o simbolismo da água, não podemos pensá-la como H₂O, mas como elemento fundamental indissociável de suas formas concretas: os mares, os oceanos, os rios, os lagos, os regatos, os riachos, as torrentes, as chuvas, as fontes, as nascentes, as praias, as quedas d’água, as cascatas, o gelo, o orvalho, onde se podem distinguir as águas claras, as águas correntes, as águas primaveris, as águas profundas, as águas dormentes, as águas mortas, as águas compostas, as águas doces, as águas violentas, as lágrimas. Cada uma das culturas humanas reserva um papel privilegiado para a água, em cada uma de suas formas, em cada um de seus modos de ser (Bruni, 1993, p. 59).

Quanto aos espelhos, podemos dizer que são ramificações dessas significações, mesmo que possam se apresentar diversamente em diferentes culturas, ideias e formas de ritualização. Se as águas apresentam a vida e a morte, a consciência, o pensar e as reflexões da Humanidade (base de filosofias antigas e contemporâneas), quando observamos a nós mesmas(os) em suas superfícies e como nos enxergamos no meio social, histórico e cultural, os espelhos revelam quando alguém irá falecer, sobretudo dentro das interpretações e experiências contidas no enredo: “[...] o espelho é, com efeito, símbolo da sabedoria e do conhecimento, sendo o espelho coberto de pó aquele do espírito obscurecido pela ignorância” (Chevalier *apud* Timbó, 2011, p. 145).

Os espelhos conseguem adivinhar o futuro e revelar a realidade, sendo capazes de dar uma imagem do exterior para a Casa, presa naquele chão:

Na lâmina deste espelho vi tal qual nas águas límpidas as imagens que ele trazia porta adentro do que existia e acontecia à sua frente durante o dia: bloco alongado de pedra gnômon, circulando no chão por algarismos romanos para marcar a altura do sol e seu caminho de luz, projetando na areia o avanço de sua sombra até fazê-la desaparecer ao meio-dia (Campos, 2004, p. 52).

Desse modo, compreendemos que as águas e os espelhos se complementam em suas simbologias e sentidos construídos e interpretados por nós. Ambos são objetos e ambientes que escapam das suas funções utilitárias e práticas – ao menos, no ambiente mágico narrado pela antiquíssima Trindades. Um espaço existencial que some aos poucos. Afinal, existe na nossa sociedade atual, uma maneira de viver que já não permite essa visão, apagada muitas vezes pelo automatismo e pelo viver em função de um sistema que oprime o “inútil”, as narrativas e o tear das histórias humanas.

Tomada de fluidez e interconectividades entre as pessoas e a natureza, Trindades se apresenta como uma narradora ideal, aquela que consegue ver o que muitas e muitos não veem,

que testemunha revelações e esconde segredos, julgando e percebendo-se como pertencente à vida de todas e todos que nela habitam. Ao mesmo tempo que resguarda memórias, sua forma ideal é silenciada pela sua própria condição enquanto uma casa, que não fala, que não tem como se expressar. Curiosamente, ao final da narrativa, surge a personagem Eugênia, que avista Trindades no fundo do açude. Eugênia, enquanto historiadora, torna-se a narradora real, aquela que, a partir das fontes históricas disponíveis, pode constituir uma narrativa possível acerca da casa e da família que ali habitou.

Trindades, contudo, continua a guardar apenas para si o plano ideal de sua narrativa, do que apenas ela viu e ouviu – e que partiu com ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as simbologias presentes na narrativa sinalizam o espaço de memória compartilhado por Trindades. Ela absorve as influências das pessoas e se compreende entre o insólito e a realidade, em uma linha tênue desse entrelugar.

A Casa se estabelece no limiar das crenças; ela mesma conectando o poder das forças tríplices junto à fluidez das horas abertas, das águas, dos espelhos e da presença da Morte.

Junto a esses elementos, o romance de Natércia Campos se ergue como uma ode à cultura dos Sertões, ao aprofundamento das relações nos espaços privados e familiares e como as tradições desses espaços ganham profundidade nas mais íntimas relações, apercebendo-se como integrantes do mundo e da natureza, sem espaço para fugas ou desvios de grande envergadura. O que faz parte do mundo, nele será encerrado e vivido, tal como as memórias de Trindades, tal como tudo o que a cercou e que aconteceu nela, com ela e por meio dela.

REFERÊNCIAS

BRUNI, J. C. A água e a vida. In: *Tempo social*, vol. 5, n. 1-2, 1993, p. 53-65. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/KjkwytLhvpf5BJsRyDTFDrb/>. Acesso em: 11 nov. de 2023.

CAMPOS, N. *A Casa*. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. 13 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

CASCUDO, L. da C. *Coisas que o povo diz*. 2 ed. São Paulo: Global, 2009.

CASCUDO, L. da C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11 ed. São Paulo: Global, 2001.

TIMBÓ, M. P. *O Sertão de Papel de Natércia Campos: Memória das Trindades*. 281 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras/Literatura) – Pós-Graduação em Letras do Departamento de Literatura do Curso de Letras, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

QUINTINO, C. C. *A religião da grande deusa: raízes históricas e sementes filosóficas*. São Paulo: Gaia, 2002.

SILVA, L. V. da. *O Espaço Privado da Casa e sua Relação com a Representação Feminina inserida na obra A Casa, de Natércia Campos*. 136 f. 2016. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras (PGL), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *Campus Avançado Profª Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM)*. Pau dos Ferros, 2016.